



REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 21 – Número 42 – Dezembro / 2020

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

DEZEMBRO / 2020

BREVE DEFESA DA HISTORICIDADE DO LIVRO DO PROFETA JONAS

*Me^{strando}. Francis Natan Gonçalves Martins
Dr.^a Marivete Zanoni Kunz*

BREVE DEFESA DA HISTORICIDADE DO LIVRO DO PROFETA JONAS

Brief defense of the historicity of the book of the prophet Jonas

*Me^{strando}. Francis Natan Gonçalves Martins¹
Dra. Marivete Zanoni Kunz²*

-
- 1 O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-graduado em Marketing pela Unijuí e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Coordenador de Estágios e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: natanmartins@batistapioneira.edu.br
 - 2 A autora é bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (Curitiba, 2000); licenciada em Pedagogia pela UNIJUÍ (Ijuí, 2007); mestre em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo, 2006); doutora em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo, 2012). Professora da Faculdade Batista Pioneira em Ijuí e das Faculdades Batista do Paraná. E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

RESUMO

O livro do profeta Jonas é, sem dúvida, um dos livros da Bíblia mais criticados pelos teólogos liberais, juntamente com Gênesis. Isso se dá pelo fato deste trazer em seu enredo relatos extraordinários e aparentemente improváveis, sendo que estes despertam a imaginação de sagazes intérpretes que propõem diferentes classificações literárias para Jonas, na tentativa de explicar racionalmente o livro sem a necessidade de este ser um registro de uma história real. As interpretações mais sobressalentes neste aspecto são a fictícia e a parabólica, onde não obrigatoriamente o profeta Jonas foi um personagem histórico; mas sim um personagem mitológico ou meramente fruto da imaginação de um escritor, o qual desejava apresentar uma história que transmitisse didaticamente valores e lições. Embora estas duas óticas interpretativas apresentem diversos dificultadores para a aceitação do enredo como realidade, a interpretação histórica permanece sendo a mais sensata e coerente com a fé bíblica. Essa ótica embasa-se em relatos históricos correlatos nas Escrituras, comprovações de similaridade contemporânea, hermenêutica, detalhamento de contexto histórico, Soberania de Deus, atuação Divina na esfera humana e a maior de todas as argumentativas: a declarada aceitação da historicidade de Jonas por parte de Jesus Cristo.

Palavras-chave: Jonas. Profeta. Peixe. Histórico.

ABSTRACT

The book of the prophet Jonah is undoubtedly one of the books of the Bible most criticized by liberal theologians, along with Genesis. This is due to the fact that it brings in its plot extraordinary and apparently improbable reports, which awaken the imagination of sagacious

interpreters who propose different literary classifications for Jonah, in an attempt to rationally explain the book without the need for it to be a record of a real story. The most outstanding interpretations in this respect are fictitious and parabolic, where the prophet Jonah was not necessarily a historical character; but a mythological character or merely the imagination of a writer, who wanted to present a story that didactically convey values and lessons. Although these two interpretative perspectives present several difficulties for the acceptance of the plot as a reality, the historical interpretation remains the most sensible and consistent with the biblical faith. This perspective is based on related historical reports in the Scriptures, evidence of contemporary similarity, hermeneutics, detailing of historical context, Sovereignty of God, Divine action in the human sphere and the greatest of all arguments: the declared acceptance of Jonas's historicity by of Jesus Christ.

264

Keywords: Jonah. Prophet. Fish. Historic.

INTRODUÇÃO

Sem dúvidas, o livro do profeta Jonas é um dos mais conhecidos do Antigo Testamento³, sendo que Jonas foi um dos mais estranhos profetas registrados na Palavra de Deus. Sua história foi marcada pela tentativa de desobediência à vontade Deus e mesquinharia em relação a compaixão de Deus para com os povos pagãos. Além disso, a tarefa ordenada por Deus a Jonas fora cumprida com total descaso, sendo que no hebraico, sua mensagem contou com o conjunto de apenas cinco palavras, a qual foi anunciada em somente um terço do território ao qual ele havia sido destinado; mas embora seu empenho tenha sido vergonhoso, o resultado de sua pregação foi estrondoso: uma

3 GUSSO, Antônio Renato. **Os profetas menores**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 71.

cidade inteira se arrependeu de seus maus caminhos.⁴

Além do mais, o livro do profeta Jonas foge um pouco do padrão dos escritos proféticos, pois é um enredo totalmente voltado a um povo gentio, sendo que os outros profetas tinham suas mensagens dirigidas quase em sua totalidade ao povo de Deus. Neste pequeno livro de apenas 4 capítulos, Deus demonstra sua compaixão com o povo assírio, de Nínive, assim como seu interesse em alcançar todos os povos, ressaltando a universalidade do seu plano redentivo.⁵

Apesar de ser pequeno, o livro do profeta Jonas tem causado grandes questionamentos àqueles que se empenham em interpretá-lo no desejo de estabelecer qual seu estilo literário. Seria um relato meramente fictício, lendário, mitológico, uma história parabólica dos hebreus ou um relato histórico?⁶ Embora existam diferentes tipos de óticas interpretativas adotadas para classificar este livro, nesta exposição adotar-se-á a análise das interpretações mais populares: fictícia, parabólica e histórica.⁷ Além do mais, o presente artigo tem como propósito o intento de um breve apontamento para a interpretação histórica como mais adequada e sensata.

1. UM BREVE RESUMO DO CONTEÚDO DO LIVRO

Antes de abordar quaisquer aspectos do livro em destaque, faz-se necessário descrever um breve relato do contexto e enredo deste. Jonas era um profeta já reconhecido pelo povo de

4 LOPES, Hernandes Dias. **Jonas**: um homem que preferiu morrer a obedecer a Deus. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 11-12.

5 TIDWELL, J. B. **Visão panorâmica da Bíblia**: um estudo livro por livro. Tradução de Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 134.

6 GUSSO, 2017, p. 73.

7 BAKER, David Weston; ALEXANDER, Thomas Desmond; STURZ, Richard J. **Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias**. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 80-81.

Israel, sendo que já havia profetizado outrora,⁸ tendo em 2 Reis 14.25 uma menção ao seu nome referente a tal ato, quando profetizou o sucesso de Jeroboão II na batalha contra os assírios.⁹ O profeta Jonas era filho de Amitai, natural da terra de Gate-Hefer, uma aldeia situada a 7 quilômetros de Nazaré,¹⁰ pertencente a tribo de Zebulom, do Reino do Norte - Israel.¹¹ Tais dados informam que sua vida e ministério tenham se passado no período de 793-753 a.C.¹²

Jonas fora ordenado por Deus para ir até a cidade de Nínive, capital dos assírios, para que a ela pregasse, exortando-a por sua maldade que havia chegado ao Senhor. Jonas por sua vez, se nega a tal convocação. Há duas possibilidades do motivo de sua rejeição a ordem divina: seu extremo nacionalismo israelita ou por já saber que o Deus Gracioso poderia perdoar os repugnantes ninivitas.¹³ A realidade é que Jonas tenta fugir da missão dada por Deus, assim como tenta fugir de sua presença. O profeta vai até a cidade portuária de Jope, onde embarca em um navio com destino a Társis. Mas durante a viagem, o Senhor fez soprar um vento fortíssimo contra o barco onde Jonas estava. Todos os tripulantes do navio ficaram apavorados, clamando a seus deuses para que intervissem naquela tenebrosa situação. Mas Jonas, encontrava-se dormindo no porão da embarcação. Então os tripulantes do navio decidem acordar o profeta fujão e lançam as sortes para descobrir quem era o culpado por tamanha calamidade, sendo que Jonas foi sorteado.¹⁴

Após questionamentos da tripulação, Jonas admite que

-
- 8 MORGAN, G. Campbell. **The minor prophets: the men and their messages**. Westwood: Revel, [s.n.], p. 65.
- 9 WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. Tradução de João Rezende Costa. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 254.
- 10 GUSSO, 2017, p. 71.
- 11 TIDWELL, 1999, p. 134.
- 12 LOPES, 2008, p. 13.
- 13 CLYDE, Francisco. **Introdução ao velho testamento**. Tradução de Antônio Neves de Mesquita. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985, p. 124.
- 14 COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Jonas: nosso contemporâneo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992, p. 15-16.

era servo do Senhor Deus dos céus, do mar e da terra e que estava fugindo do mesmo. Todos ficaram ainda mais atônitos e depois de muita relutância, lançaram o profeta ao mar, sendo que este se acalmou instantaneamente.¹⁵ Neste momento, Deus fez com que um grande peixe engolissem Jonas, o qual permaneceu três dias e três noites na barriga do peixe. Lá o profeta clama humilhado a Deus, que por sua vez ordena ao peixe que vomitasse Jonas em terra firme.¹⁶

Na sequência, Deus novamente reordena a pregação aos ninivitas e desta vez o profeta Jonas atende, dirigindo-se à cidade de Nínive. Ao chegar naquela grande cidade, Jonas percorre-a em apenas um dia, sendo que está necessitava de três dias para atravessá-la. Vailatti defende que Nínive tinha cerca de 96 quilômetros de extensão, mas Jonas percorreu apenas 32 quilômetros e achou isso o suficiente.¹⁷ Além do mais, sua pregação fora extremamente sucinta, expressa em uma simplória frase: “Daqui a quarenta dias Nínive será destruída”.¹⁸ Espantosamente, a sua mensagem chega até o rei de Nínive e toda a cidade se arrepende, expressando contrição.¹⁹

Jonas por sua vez fica extremamente irado com o fato, desejando a morte, pois mediante o arrependimento, Deus não cumpriria a condicional da destruição dos ninivitas, povo tido como inimigo pelo profeta. O profeta vai até um ponto alto aos arredores da cidade, faz um abrigo e se assenta sob este, esperando tal destruição.²⁰ Neste momento Deus faz nascer uma planta sobre o profeta, que lhe concede uma boa sombra e Jonas ficou muito satisfeito. Durante a madrugada, enquanto o profeta dormia sob a planta, Deus envia uma lagarta para des-

15 PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no antigo testamento**. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 469.

16 ALEXANDER, H. E. **Introdução ao Velho Testamento**. São Paulo: Casa da Bíblia, [s.n.], p. 258.

17 VAILATTI, Carlos. **O livro de Jonas**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vo7ittJOfjs&ab_channel=Bibotalk. Acesso em: 16 nov. 2020.

18 BÍBLIA. Jonas 3.4, 2000, p. 711.

19 COELHO FILHO, 1992, p. 41.

20 LOPES, 2008, p. 110-111.

truir esta, de tal forma que a planta seca e ao amanhecer Jonas desperta com o calor do sol. Jonas ficou extremante enfurecido, a ponto de desejar a morte. Então Deus lhe exorta a respeito a inversão de valores que estava tendo, pois supervalorizou uma simples planta em demérito das vidas de uma cidade inteira.²¹

2. RELATOS MIRACULOSOS: UMA APARENTE PROBLEMÁTICA

Ao ler o livro do profeta Jonas não é de se admirar que muitos o questionem em relação aos detalhes miraculosos nele relatados. Estas facetas extraordinárias do relato do livro muitas vezes acabam desviando o foco de atenção do leitor do real cerne da mensagem nele contido:²² o Deus Soberano graciosamente se importa com toda humanidade.²³

Relatos miraculosos outrora repetidos nas páginas das Escrituras e ainda alguns ímpares, se destacam nos quatro capítulos de Jonas. De início, percebe-se o mar revolto que atacou o barco no qual Jonas havia embarcado para fugir da ordem divina. Tal tempestade era terrivelmente assustadora e fora do comum, visto que até marinheiros experientes na lida marítima haviam perdido as esperanças de reverter tal situação, saindo ilesos (Jn 1.5). Nota-se que esta tempestade não era comum, mas algo causado pelo Senhor.²⁴

Na sequência, mais outro fato capcioso é descrito: sortes são lançadas pelos tripulantes para descobrir quem era o culpado pela tormenta ocorrente e as sortes apontam para Jonas (Jn 1.7).²⁵ Após os tripulantes da embarcação terem lançado Jonas às águas, mais um fato miraculoso se destaca: o mar aquietou-se como que instantaneamente (Jn 1.15). Isso demonstrara que tal tempestade não

21 BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 102.

22 GUSSO, 2017, p. 71.

23 LOPES, 2008, p. 12.

24 MORA, Vicent. **Jonas**. Tradução de monjas dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 9.

25 MORA, 1983, p. 14.

era comum, como outras que aconteciam normalmente na vida marítima. O fato é ressaltado em sua estranheza com mais um espanto dos marinheiros e tripulantes pagãos, que ao presenciarem o episódio extraordinário, se comprometem com o Senhor do profeta Jonas, através de sacrifícios e votos (Jn 1.16).²⁶

Mas os relatos estranhos não terminam por aí; após ser lançado às águas do mar, Jonas é engolido por um grande peixe, sob ordem divina. Este, sem dúvidas, é o ponto mais lembrado do livro pelos leitores e até mesmo aqueles que apenas ouviram a história de Jonas. Após virar comida de peixe, Jonas permanece vivo dentro do ventre deste por três dias e três noites, segundo Jonas 1.17. O segundo capítulo do livro informa que de dentro do grande peixe, o profeta clama ao Senhor, expressando sua miséria e contrição. Depois desta sequência de fatos estranhos, mais outra estranheza acontece: Deus ordena que o peixe vomite Jonas em terra firme (Jn 2.10), o qual parece estar bem, sem quaisquer sequelas da hospedagem no ventre do peixe.²⁷

No terceiro e quarto capítulos, mais outro fato salta aos olhos do leitor. Após Jonas atender a segunda chamada divina à pregação, indo até Nínive, horivelmente anuncia uma mensagem aos cidadãos daquela cidade, com uma prédica que não apresentava alternativa alguma de retorno ou arrependimento – apenas condenação. Apesar do mensageiro e da mensagem, o povo ninivita atentou para o recado de Deus, sendo que uma cidade inteira, de mais de 120 mil habitantes se arrependeu de seus maus caminhos (Jn 3.6-10; 4.11).²⁸

Por fim, o quarto capítulo aponta mais um episódio estranho. Nos versos 6 e 7, Deus faz nascer praticamente instantaneamente uma planta viçosa ao lado de Jonas. Esta devia ser

26 CRABTREE, A. R. **Profetas menores** – comentário sobre os livros de Joel, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum e Habacuque. v.1. Rio de Janeiro: JUERP, 1971, p. 106.

27 FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. Tradução de Luiz A. Caruso. São Paulo: Vida, 1988, p. 136.

28 OLIVEIRA, Antônio Manoel Medeiros de. **Crise: uma oportunidade para Deus agir – lições práticas na vida de Jonas**. Curitiba: ADSantos, 2013, p. 130-133.

tamanha, a ponto de conceder-lhe uma sombra agradável em meio ao calor escaldante. Mas tal fato é acompanhado pela destruição da planta em menos de um dia, quando Deus envia uma lagarta para destruir esta, de tal forma que ao amanhecer do próximo dia a planta já estava seca.²⁹

Tais relatos miraculosos seguidamente têm sido vistos com descredito por teólogos liberais, sendo interpretados como problemáticas para a confiabilidade de coerência e acontecimento. Alguns têm usado de zombaria para com estes relatos do enredo, principalmente em relação ao fato do engolimento pelo grande peixe e posterior sobrevivência do profeta. Embora o livro de Jonas tenha sido alvo de críticas, sua aceitação como relato de realidade só pode ser tomada pela fé, pois a raiz de toda a sua rejeição como verídico é a negação do miraculoso – atitude tal que nega o poder atuante de um Deus sobrenatural na esfera humana. O aparente problema relativo à aceitação do extraordinário nas páginas do livro de Jonas diz muito mais a respeito do indivíduo que as lê no intento de criar um deus limitado a possibilidades humanas do que aos relatos em si. Tal crise, segundo Feinberg, revela uma incredulidade míope.³⁰

270

3. INTERPRETAÇÃO FICTÍCIA

Esta ótica interpretativa tem sido adotada por boa parte dos teólogos liberais³¹ os quais têm levantado ferinas acusações contra o livro de Jonas, assim como ao livro de Gênesis. Para estes, o livro do profeta tem sido referido como *o calcanhar-de-aquiles da Bíblia*.³² Dentre seus argumentos para essa defesa de interpretação, usa-se do argumento do aspecto linguístico, visto que o registro do livro do profeta Jonas contém traços da escrita aramaica, pós-exílica. Isso coloca a datação pré-exílica, do século

29 BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 102.

30 FEINBERG, 1988, p. 132-133.

31 LOPES, 2008, p. 12.

32 LOPES, 2008, p. 15.

oitavo, em ataque.³³ Alexander argumenta:

Geralmente, acredita-se que, dentre os vários critérios para apurar a data de Jonas, os aspectos linguísticos do texto constituem o guia mais confiável e preciso para se chegar à idade do livro. O atual texto de Jonas, afirma-se, não só possui expressões mais típicas do hebraico bíblico posterior, mas também contém formas léxico-gramaticais de origem aramaica. Juntos, esses fatores são fortes argumentos para sustentar uma data pós-exílica, época em que a língua hebraica recebeu grande influência do aramaico.³⁴

Sendo assim, a possível datação do livro é colocada por estes no século terceiro a.C., como o último dos livros proféticos, redigido por um autor anônimo. Mas não somente isso, visto que foi um escrito tardio, para estes intérpretes, o seu conteúdo se trata de uma ficção, como uma novela religiosa contada pelos judeus, com objetivo de ensinar valores morais e espirituais,³⁵ acautelando-os contra a atitude arrogantemente preconceituosa relativa aos povos pagãos,³⁶ sem necessidade alguma de historicidade. Para os liberais, o profeta Jonas não é um personagem histórico!³⁷

Ainda, alguns teólogos liberais pendem para outra posição interpretativa dentro deste campo, considerando não a escrita tardia, mas sim que o enredo tenha se passado no terceiro século e não no oitavo. Nesta posição, Jonas não teria uma conexão com os fatos ligados ao século VIII, mas estes teriam apenas uma ligação fantasiosa.³⁸

Além do mais, outra acusação desta ótica interpretativa é a negação dos atos miraculosos e extraordinários, dados como improváveis, racionalmente falando.³⁹ A principal zombaria da

33 BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 60.

34 BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 60.

35 LOPES, 2008, p. 12-13.

36 GUSSO, 2017, p. 75.

37 LOPES, 2008, p. 12-13.

38 LOPES, 2008, p. 14-15.

39 PINTO, 2008, p. 466.

historicidade do livro de Jonas é relativa ao fato deste ter sobrevivido três dias no interior do grande peixe. Para os liberais, isso é inconcebível e coloca em xeque a genuinidade do enredo, classificando-o como um conto falacioso.⁴⁰

Elenca-se por aqueles que tentam pôr em descrédito a realidade do enredo, que a cidade de Társis não teria sido um local geográfico existente no mundo da época, sendo apenas uma invenção do compositor da história lendária.⁴¹ Dentre as acusações da crítica liberal, ainda pode ser apontada a dúvida quanto ao tamanho da cidade de Nínive, visto que o texto de Jonas 3.3 aponta que seriam necessários três dias para percorrê-la. Para estes, tal afirmação é um tanto exagerada e questionável.⁴² Eis a acusação levantada pelos críticos:

A partir de um documento da época, porém, sabemos que o rei assírio Senaqueribe (704-681 a.C.), do início do século VII, ampliou a circunferência da cidade de Nínive de 9300 côvados (aproximadamente 5 km) para 21815 côvados (aproximadamente 11 km), e pesquisas arqueológicas modernas confirmam a exatidão desse relato.³ Assim, antes do final do século VIII, Nínive provavelmente não tinha mais de 1, 5 km em sua parte mais larga. Com base nisso, dificilmente teriam sido necessários três dias quer para atravessar a cidade, quer para andar em tomo de seus muros.⁴³

Os intérpretes fictícios ainda enxergam o enredo do livro do profeta Jonas como uma hipérbole, na qual tudo é exageradamente descrito, para causar impacto no leitor, do grande peixe até o arrependimento de toda uma cidade. O escrito é fantasioso, sendo que jamais o autor desejou oferecer um registro genuinamente histórico. Mas usando de nuances irônicas, este

40 LOPES, 2008, p. 15-16.

41 SAYÃO, Luiz. **Comentário em áudio rota 66: proféticos – Jonas**. AT 9. Áudio 380. São Paulo: RTM, 2008.

42 BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 65.

43 BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 65.

compôs o escrito para entreter e divertir aqueles que viessem a conhecer a história de Jonas.⁴⁴

Ademais, esta ótica interpretativa acusa a estrutura simétrica do enredo como uma manipulação autoral demonstrando a irre realidade deste. O texto demonstra um cuidado de composição, em números, elementos, ironias, feitos extraordinários e acontecimentos, indicando que a história foi fruto da imaginação do autor, na qual tudo se encaixa. Para estes intérpretes, a história foi muito bem elaborada como um conto de natureza didática, que visa transmitir determinadas ideias com valores.⁴⁵

4. INTERPRETAÇÃO PARABÓLICA

Dentro desta interpretação existem extremos quanto à confiabilidade da veracidade do Jonas histórico. Alguns intérpretes parabólicos de Jonas, o tem como um personagem lendário, enquanto outros defendem o estilo parabólico tentando mesclar este com a possibilidade de Jonas ser real.⁴⁶ Lopes argumenta que em ambas as visões dentro deste campo interpretativo, o enredo de Jonas é tido como história inventada (em partes ou completa), sem a necessidade de a pessoa do profeta ter existido na realidade histórica passada. Esta história é descrita em perfil parabólico, estilo literário comum no meio hebreu, no intento de ilustrar uma crítica através do conto de um profeta israelita, sendo sua conduta uma acusação ao orgulho patriótico, mostrando que Deus se importava com os povos gentílicos.⁴⁷ Relativo a esta interpretação, Falcão descreve a visão parabólica:

Afirmam eles não ter existido Jonas, nem se dado a história maravilhosa contida no livro que tem o seu nome. Justificam a sua opinião, dizendo que um escritor inspirado, que viveu depois do Cativo Babilônico, inventou essa história como pa-

44 BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 82-83.

45 BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 83-84.

46 GUSSO, 2017, p. 74-75.

47 LOPES, 2008, p. 17-18.

rábola, assim como Jesus inventava parábolas para ilustrar profundas verdades espirituais. O objetivo da parábola de Jonas era despertar o povo de Deus do período pós-exílico, no sentido de cumprir sua tarefa missionária no mundo. Nessa parábola Jonas representa Israel. Israel recebeu a incumbência de proclamar o nome de Deus entre as nações, mas falhou, por causa do seu xenofobismo e do seu exagerado patriotismo. Recusando cumprir sua missão, o povo foi castigado e arrastado para o cativeiro, assim como Jonas, por causa da desobediência, foi engolido pelo peixe. Assim como Jonas foi liberto do peixe, assim também Israel foi liberto do cativeiro babilônico. Jonas valeu-se da segunda oportunidade outorgada pelo Senhor e cumpriu a missão divina. Cumpriria Israel também a sua missão, agora que Deus o libertara do cativeiro?⁴⁸

Entre as motivações para tal ótica interpretativa, podem-se elencar:

1. A dúvida quanto à veracidade dos inúmeros relatos extraordinários e fantasiosos, como o aquietar imediato de uma assombrosa tempestade e o nascimento acelerado de uma planta;
2. A dúvida quanto à sobrevivência do profeta dentro de um peixe por três dias;
3. A dúvida quanto à possibilidade do atentar de mais de cem mil ninivitas a pregação de um estrangeiro;
4. A dúvida quanto à conversão da população ninivita, visto que se por acaso o enredo houvesse transcorrido no oitavo século, o arrependimento povo e aparente desistência da destruição da cidade por parte de Deus são postas em dúvida, pois no ano de 612 a.C. a cidade de Nínive fora destruída.⁴⁹

48 FALCÃO, Silas Alves. **Panorama do Velho Testamento**: os livros proféticos. Rio de Janeiro: CPB, 1965. Vol. 2, p. 58.

49 CRABTREE, 1971, p. 92-93.

Um exemplo de intérprete parabólico que pode ser apontado é o renomado teólogo Asa R. Crabtree, o qual afirma em sua obra *Profetas Menores*:

O livro de Jonas é claramente uma parábola que dá ênfase especialmente à misericórdia do Senhor. Assim interpretado como parábola, podemos entender que o autor do livro de Jonas ensina até os ninivitas poderiam ter sido salvos sob a condição de arrependimento e fé.⁵⁰

5. INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

Sem dúvidas, Jonas foi um personagem histórico, real e não lendário como defendem alguns estudiosos da alta crítica bíblica.⁵¹ Além do mais, a veracidade do personagem Jonas é comprovada por paralelo em 2 Reis 14.25, o qual traz consigo uma argumentativa histórica por relação ao reinado de Jeroboão II.⁵² Discorrer-se-á neste tópico sobre a interpretação histórica relativa ao livro de Jonas e seus pontos miraculosos mencionados acima.

Acima de tudo, deve-se considerar que o Senhor Jesus se referiu à história de Jonas sem quaisquer objeções (Mt 12.40-41; Lc 11.29-30). Se Jonas não fosse histórico, como afirmam alguns liberais, Jesus teria se enganado – fato infinitamente improvável. Muito pelo contrário, Jesus comparou sua morte e ressurreição ao fato histórico da estadia de Jonas na barriga do grande peixe. Nisto, Jesus o reconhece como realidade e um acontecimento de prenúncio, como sombra de um fato vindouro. Lopes ortodoxamente considera o relato de Jonas como histórico profético:⁵³

...o livro de Jonas descreve o maior protótipo da morte e ressurreição de Cristo no Antigo Testamento. A experiência vivida por Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe era um si-

50 CRABTREE, 1971, p. 209-210.

51 FALCÃO, 1965. p. 58.

52 GUSSO, 2017, p. 72.

53 CRABTREE, 1971, p. 94.

nal da morte e ressurreição de Cristo (Mt 12.38-40). Assim como a experiência de Jonas abriu-lhe a porta para anunciar aos pagãos a Palavra de Deus, a morte e a ressurreição de Cristo são o alicerce da nossa redenção. O livro de Jonas nos oferece um protótipo das duas mais importantes doutrinas do cristianismo: a morte e a ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo.⁵⁴

Ademais, é impossível negar a historicidade de Jonas e querer reter esta em relação a Jesus. Negar o relato de Jonas no ventre do peixe traz como anexo a negação do sepultamento de Jesus e, conseqüentemente sua obra redentora. Afirmar que Jonas é uma ficção consiste em dizer o mesmo de Cristo, não havendo assim, qualquer base para a comparação.⁵⁵ Segundo Gusso, a citação por parte de Jesus é a defesa de maior peso, em relação a historicidade do livro.⁵⁶

Em relação à sobrevivência do profeta Jonas dentro de um grande peixe, a interpretação histórica também não titubeia ou mesmo é colocada em xeque. Para essa visão, isso foi de fato um acontecimento histórico, possível e que pode ser encarado com naturalidade, visto que já houve casos parecidos na história contemporânea.⁵⁷ Um caso que pode ser mencionado é o de James Bartley, conhecido como Jonas moderno ou Jonas do Século XIX. Em fevereiro de 1891, durante uma expedição de caça às baleias nas Ilhas Falklands, um bote do navio inglês *The Star of the East* foi destruído por um grande cachalote, após sua tripulação ter arpoado o animal. Neste episódio, James foi engolido pelo animal, sendo que permaneceu em seu ventre por 15 horas, quando foi resgatado vivo por marinheiros, após o abate do cachalote.⁵⁸

Referente ao relato da conversão de toda uma cidade e a

54 LOPES, 2008, p. 20.

55 LOPES, 2008, p. 17.

56 GUSSO, 2017, p. 76.

57 GUSSO, 2017, p. 74.

58 SILVA, Rodolpho. **Engolido por uma baleia: o Jonas do século 19.** Disponível em: <http://acienciasuprema.blogspot.com/2012/03/historia-de-jonas-verdade-ou-mito.html> Acesso em 19 nov. 2020.

posterior destruição de Nínive no ano de 612 a.C. - fato profetizado por Naum – não é difícil de se compreender duas explicações prováveis de conciliação dos dois acontecimentos: 1) O arrependimento dos ninivitas pode ter sido apenas superficial, não gerando frutos permanentemente duradouros; motivo este que ocasionou a destruição como castigo tardio; 2) Tal arrependimento e conversão dos maus caminhos por parte dos ninivitas pode ter sido uma comoção e disposição geracional, o qual não alcançou a próxima geração de ninivitas, sendo que o castigo recaiu àqueles que não aprenderam com as histórias de seus antepassados.⁵⁹

Ainda em relação à cidade de Nínive, mas no aspecto geográfico, alguns liberais questionam a afirmação de que se faziam necessários três dias para percorrê-la. Tal acusação pode ser superada pelas seguintes colocações possíveis:

1. Ao se referir a grande cidade de Nínive, o autor se referia a região de Nínive como um todo e não apenas a cidade; assim como atualmente é utilizada a expressão relativa a grandes regiões metropolitanas, onde as cidades circunvizinhas são aliadas a nomenclatura da maior cidade;
2. A tarefa de Jonas compreendia três dias, e não a extensão da cidade, pois seu empenho consistia em pregar de esquina em esquina, de porta em porta, para que todos os ninivitas ouvissem sua prédica. Embora a cidade fosse menor em extensão, a pregação a todos os ninivitas seria uma tarefa demorada;
3. De acordo com a prática de viagens e hospitalidade do antigo Oriente Médio, um viajante demorava três dias para uma visita costumeira a uma cidade, sendo que estes compreendiam o dia de sua chegada, um dia de estadia e o dia de partida. Jonas por sua vez, devido a sua repulsa, não quis ficar hospedado em Nínive, mas anunciou a sua

59 FALCÃO, 1965, p. 59-61.

mensagem e partiu sem hospedar-se nesta.⁶⁰

A história descrita no livro aponta um Deus Soberano, conduzindo seu plano divino vitoriosamente. Negar as manifestações extraordinárias e sobrenaturais requer a negação do agir deste Deus em todas as demais páginas das Escrituras, excluindo a realidade da atuação dele na história.⁶¹ Nota-se no livro de Jonas a afirmativa repetida de que Deus estava operando em todos os detalhes - grandes e pequenos - sendo na força dos ventos e mares, no aquietar das águas, no apontamento das sortes, no aceleramento do desenvolvimento de uma planta e na ação de uma pequena lagarta. Isso não faz destas manifestações regras a serem seguidas por Deus, enquadrando-o em um perfil de atuação, pois Ele é livre em seu agir.⁶² Percebe-se no enredo um profeta lutando contra a derrota evidente, homens impotentes diante de circunstâncias inesperadas, a natureza submissa às ordens divinas e um Deus que eficazmente conduz o seu plano soberano. Os fatos e a escrita evidenciam: nada foge do controle divino.⁶³

Embora criativas e curiosas por sua pretensa especulação, as visões alegóricas e parabólicas relativas ao livro de Jonas não passam de imaginosas e rasas, levantadas com o intento de fugir da realidade do extraordinário e sobrenatural bem presente nas Escrituras Sagradas.⁶⁴

Se a história de Jonas fosse uma mera ficção, também o seriam a morte, o sepultamento na sexta-feira e a ressurreição de Jesus Cristo no domingo.⁶⁵ A interpretação parabólica, embora aparentemente mais suave e espiritualizada, propõe a exclusão da realidade do Jonas histórico em favorecimento de uma mensagem exortativa dirigida ao povo israelita.⁶⁶ Clyde faz

60 BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 65-66.

61 CRABTREE, 1971, p. 95.

62 LOPES, 2008, p. 25.

63 CRABTREE, 1971, p. 95.

64 FALCÃO, 1965, p. 58.

65 LOPES, 2008, p. 17.

66 FEINBERG, 1988, p. 136-137.

um adendo em relação a interpretação parabólica de Jonas, afirmando que elencá-lo a este estilo literário seria injusto, pois no Antigo Testamento nenhuma parábola utiliza-se de personagens históricos; portanto, afirmar que o livro de Jonas é uma parábola traz consigo a afirmativa de que Jonas não era real.⁶⁷

Feinberg propõe em sua obra *Os Profetas Menores* uma alternativa mais equilibrada em relação a um paralelo de Jonas e Israel, a qual não exclui o Jonas histórico. Para Feinberg, Jonas foi real, sendo que em sua soberania, Deus usa-se deste para elucidar uma mensagem profética e diretiva ao seu povo. Na realidade tanto Jonas foi real, como sua história é uma real profecia sobre Israel. Deus é tão Soberano e Criativo que emite duas mensagens por meio de um único enredo.⁶⁸

Cabe também uma breve explicação a incerteza da localização de Társis. Sayão argumenta que a possibilidade de Társis não ter sido um local genuinamente geográfico em nada invalida o conteúdo do livro, pois esta citação pode ter sido uma figura de linguagem, expressando tamanho pavor do profeta à convocação divina, dispondo-se a fugir para lugar nenhum ou ainda o mais longe que pudesse.⁶⁹ Mas esta especulação quanto a possibilidade de Társis não ser um local reconhecido é também rebatida por Lopes, o qual defende que esta foi sim uma cidade na região da Espanha, fundada pelos fenícios na península Ibérica, cerca de 4000 quilômetros a oeste de onde Jonas se encontrava ao receber a ordem divina. Além do mais, existe amparo bíblico para sua existência histórica, como Isaías 66.19, Jeremias 10.9 e Ezequiel 27.12.⁷⁰

Ainda quanto à possibilidade de o livro ter sido escrito em uma data posterior ao oitavo século, isso em nada prejudica ou invalida a historicidade do seu conteúdo, pois assim como outros livros da Bíblia, o conteúdo poderia ter sido passado oralmente e

67 CLYDE, 1985, p. 124.

68 FEINBERG, 1988, p. 136-137.

69 SAYÃO, 2008, Áudio 380.

70 LOPES, 2008, p. 45-46.

registrado em uma data tardia.⁷¹ Gusso argumenta que até mesmo entre escritores e comentaristas de reconhecida ortodoxia, aceita-se como pouco provável a possibilidade do próprio profeta Jonas haver escrito este livro. Tal posição se dá por cinco fatores: Não há declarações no livro quanto a autoria; O estilo de escrita é característico do aramaico e não do hebraico; O nome do rei dos ninivitas não é mencionado; O tempo verbal utilizado para expressar a grandiosidade da cidade de Nínive em Jonas 3.3 é no passado (era), dando a entender que não era mais; O profeta Jonas é mencionado em todo o livro na terceira pessoa do singular.⁷²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora se levantem críticas e zombarias quanto à historicidade do livro do profeta Jonas – levantes estes que abrangem desde o campo gramatical até os fatos extraordinários – a raiz de toda dificuldade de aceitação histórica é a negação do miraculoso. Mas tal visão é uma afronta à fé bíblica, pois se o intérprete excluir o sobrenatural das páginas da Bíblia está já não o será mais Palavra de Deus e muito menos o Deus relatado nela será Deus de fato. Tornar-se-á a Bíblia um mero livro de histórias para um público incrédulo e míope em relação ao Deus verdadeiro.⁷³

Se o leitor considerar os acontecimentos extraordinários descritos no livro da perspectiva de que existe um Deus atuante na esfera humana, tendo como foco os interesses de seu Reino, as aparentes dificuldades apresentadas pelas óticas interpretativas serão sanadas e superadas; só não serão caso o leitor não admita o sobrenatural nas páginas das Escrituras. Desta perspectiva, não poder-se-á crer também no evangelho de Jesus Cristo, pois este é embasado no sobrenatural, descrito também na Bíblia.⁷⁴

As interpretações fictícias e parabólica relativas ao livro do

71 SAYÃO, 2008, áudio 380.

72 GUSSO, 2017, p. 71.

73 FEINBERG, 1988, p. 133.

74 CRABTREE, 1971, p. 95.

profeta Jonas apresentam um intento contra a fé cristã e uma contradição com a historicidade da Bíblia como um todo. Aceitar o relato de Jonas como fictício consiste em fazer o mesmo em relação a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, negando-os como acontecimentos históricos; pois a permanência de Jonas no ventre do grande peixe é tida como um *tipo* do sepultamento de Jesus Cristo. De forma semelhante, a ótica interpretativa parabólica e sua adesão podem apresentar riscos a integridade da fé cristã, visto que coloca Jonas e sua história como mito ou lenda; o que poderia ser igualmente usado com outros relatos bíblicos caso aderida. Ademais, lembra-se que o Senhor Jesus creu na historicidade de Jonas,⁷⁵ deixando bem clara a autoridade deste escrito.⁷⁶ Hernandes Dias Lopes, por sua vez, declara categoricamente: “Quem deve merecer a nossa confiança: Cristo ou os teólogos liberais? Seja Deus verdadeiro e mentiroso todo homem!”⁷⁷

REFERÊNCIAS

281

ALEXANDER, H. E. **Introdução ao Velho Testamento**. São Paulo: Casa da Bíblia, [s.n.]. 276 p.

BAKER, David Weston; ALEXANDER, Thomas Desmond; STURZ, Richard J. **Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias**. São Paulo: Vida Nova, 2001. 410 p.

CLYDE, Francisco. **Introdução ao Velho Testamento**. Tradução de Antônio Neves de Mesquita. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985. 288 p.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Jonas: nosso contemporâneo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992. 68 p.

75 LOPES, 2008, p. 17-18.

76 GEISLER, Norman L.; NIX, William E. **Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós**. São Paulo: Vida, 1997, p. 22.

77 LOPES, 2008, p. 18.

CRABTREE, A. R. **Profetas menores**: comentário sobre os livros de Joel, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum e Habacuque. Rio de Janeiro: JUERP, 1971. Vol. 1, 266 p.

FALCÃO, Silas Alves. **Panorama do Velho Testamento**: os livros proféticos. Rio de Janeiro: CPB, 1965. Vol. 2, 223 p.

FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. Tradução de Luiz A. Caruso. São Paulo: Vida, 1988. 350 p.

GEISLER, Norman L.; NIX, William E. **Introdução bíblica**: como a Bíblia chegou até nós. São Paulo: Vida, 1997. 263 p.

GUSSO, Antônio Renato. **Os profetas menores**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017. 184 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Jonas**: um homem que preferiu morrer a obedecer a Deus. São Paulo: Hagnos, 2008. 124 p.

MORA, Vicent. **Jonas**. Tradução de monjas dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1983. 84 p.

MORGAN, G. Campbell. **The minor prophets**: the men and their messages. Westwood: Revel, [s.n.]. 157 p.

OLIVEIRA, Antônio Manoel Medeiros de. **Crise**: uma oportunidade para Deus agir – lições práticas na vida de Jonas. Curitiba: ADSantos, 2013. 163 p.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no antigo testamento**. São Paulo: Hagnos, 2006. 506 p.

SAYÃO, Luiz. **Comentário em áudio rota 66**: proféticos – Jonas. AT 9. Áudio 380 e 381. São Paulo: RTM, 2008.

SILVA, Rodolpho. **Engolido por uma baleia**: o Jonas do século 19. Disponível em: <http://acienciasuprema.blogspot>.

com/2012/03/historia-de-jonas-verdade-ou-mito.html Acesso em 19 nov. 2020.

TIDWELL, J. B. **Visão panorâmica da Bíblia**: um estudo livro por livro. Tradução de Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1999. 228 p.

VAILATTI, Carlos. **O livro de Jonas**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vo7ittJOfJs&ab_channel=Bibotalk. Acesso em: 16 nov. 2020.

WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. Tradução de João Rezende Costa. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2006. 384 p.

